

Entrevista a Nuno Costa, presidente da AAUBI

“Um dos objectivos fundamentais é o de colocar o passivo a zero”

A cumprir o segundo mandato como presidente da Associação Académica da Universidade da Beira Interior (AAUBI), Nuno Costa volta a atribuir grande importância à questão financeira.

Catarina Rodrigues e Eduardo Alves

Urbi - Qual o motivo que o levou a candidatar-se novamente à Associação Académica?

Nuno Costa - Na altura da demissão, a 3 de Dezembro, a minha vontade não era a de continuar. Tinha várias razões, desde o cansaço até à vontade de me dedicar mais ao curso. Mas, depois da análise ao trabalho que já tinha sido feito, desde Maio até Dezembro e mais os restantes meses, que seriam de gestão corrente, achei que faltava cumprir algumas coisas e decidi-me pela recandidatura.

U - O trabalho a realizar será uma continuação do que foi feito anteriormente?

N. C. - Será uma continuação lógica. Sabemos que vai haver problemas para resolver, nomeadamente, a apresentação obrigatória de um plano de actividades até 20 de Abril. Esse mesmo plano deve estar devidamente orçamentado, o que no cenário actual é uma tarefa árdua. Temos por objectivo reduzir significativamente, até final do mandato, a dívida da associação.

U - Do plano de actividades que referiu, quais os projectos que mais gostaria de concretizar?

N. C. - A questão financeira estará a cargo de pessoas que nesta direcção são bastante competentes para tal. Eu vou dedicar-me exclusivamente à pedagogia, à acção social, aos novos pacotes legislativos que vão ser implementados e não só. Há questões muito importantes como a Lei de Bases do Sistema Educativo, a Carreira Docente, a implementação do Processo de Bolonha e a Lei de Financiamento do Ensino Superior. As propinas e as prescrições são também matérias que nos vão deixar muito ocupados até Dezembro.

U - Quais os principais problemas que os estudantes da UBI têm vindo a apontar?

N. C. - Primeiro, o insucesso escolar. Depois, outra das problemáticas transmitidas pelos alunos, prende-se com a questão dos exames. Um estudante que pague para ir fazer um exame e o docente diz que essa avaliação não pode ser feita encontra-se defraudado porque cada aluno tem direito a dois períodos de avaliação e não pode ficar limitado a um.

O emprego é outro ponto que também tem vindo a merecer a nossa atenção. É muito importante que um estudante, quando termine o seu curso, tenha uma ajuda na ligação ao mercado de trabalho. Estamos a actuar em



“Neste momento a grande luta dos estudantes é a Lei da Autonomia”

parceria com o Centro de Estágios da Universidade e estamos a preparar uma Feira de Emprego da Beira Interior que deverá acontecer no final de Maio.

U - Refere com frequência a importância da gestão financeira. Neste campo, em que situação está a AAUBI?

N. C. - Neste momento estamos a respirar um pouco melhor. A AAUBI recebeu, finalmente, o subsídio do Instituto Português da Juventude (IPJ) no valor de 41 mil euros que é uma ajuda, mas que não chega nem para metade das dívidas acumuladas ao longo dos tempos pela Associação Académica. É necessário termos consciência que se quisermos fazer actividades, estas têm de ser pagas por elas próprias. Veja-se o caso da Semana Académica, da Recepção ao Caloiro e da própria Feira de Emprego, que são exemplos de actividades auto-financiadas. Estas vão ter prioridade perante todo um outro conjunto de actividades que, provavelmente, terão de ser cortadas.

U - Qual o valor das dívidas da AAUBI?

N. C. - Neste momento, as dívidas da AAUBI rondam os 45 mil euros. Para que um dos nossos objectivos fundamentais, que é o de colocar o passivo a zero, seja cumprido as iniciativas da AAUBI têm de se mostrar rentáveis. Uma das principais preocupações, neste domínio é a Secção Desportiva. Se não conseguirmos encontrar um patrocinador que pague todas as deslocações e as despesas inerentes às actividades dos atletas, algumas modalidades terão de acabar, porque já que o Estado, através da Acção Social, é responsável pelo garante da actividade desportiva a este nível -, não cumpre a lei, não podemos nós endividar-nos.

U - Uma das principais lutas estudantis prende-se com o valor das propinas. Acredita que o valor pago actualmente por cada aluno pode baixar?

N. C. - O ministro que agora tutela o Ensino Superior mostrou-se contra à alteração da lei que passou para os Senados e para os órgãos deliberativos das Universidades a obrigação de estipularem o valor das propinas. Durante a apresentação do programa do Governo nada foi dito a este respeito, daí que nós, dirigentes associativos, tenhamos decidido dar o benefício da dúvida ao ministro Mariano Gago, uma tomada de posição encontrada no Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA), realizado na Covilhã. Esta atitude vai ser mantida até à realização do próximo encontro. Para nós, parece justa a alteração da lei, com a instituição de um valor único para as propinas, a nível nacional, valor esse que só aumentaria consoante a inflação.

U - Até agora, o aumento das propinas foi proporcional ao aumento da qualidade no Ensino Superior?

N. C. - Esse é o grande problema nessa questão. Em alguns cursos desta Universidade existe um aumento significativo na qualidade de ensino, nomeadamente ao nível da licenciatura em Medicina. Noutros, digo frontalmente, que não existiu qualquer tipo de melhoria.

U - Considera que a representatividade dos alunos nos órgãos deliberativos da UBI, como o Senado, deveria ser maior?

N. C. - Completamente. A representatividade deveria ser maior, mais, deveria ser paritária. Volta-se aqui à Lei da Autonomia que é essencial e nós sabemos que está a ser preparada há muito. Contudo, os estudantes têm de ser ouvidos. Neste momento, no Senado temos uma representatividade que ronda os 20 por cento. A Lei da Autonomia irá reduzir, ainda mais, essa percentagem.

U - Caso esta lei não seja favorável aos estudantes, como é que estes vão reagir?

N. C. - No próximo dia 14 de Abril vamos apresentar um livro negro sobre o Superior onde estão assinalados os problemas de cada instituição. Esse livro será depois entregue ao ministro da tutela e aqui, no caso da UBI, será entregue na reitoria. Neste momento a grande luta dos estudantes é de facto a Lei da Autonomia e vamos fazer tudo para que esta seja aprovada só depois de sofrer algumas alterações.

U - Como justifica o pouco interesse dos estudantes nas questões académicas? Nas últimas eleições votaram menos de 700 alunos em mais de 5 mil inscritos...

N. C. - A fraca adesão a estas questões é visível em todo o lado. Algumas das razões apontadas para este cenário passam pela vontade dos alunos em quererem terminar os seus cursos no mais curto espaço de tempo e não mostrarem vontade de ingressar nas andanças da associação.

U - Como se pode alterar esta situação?

N. C. - Costumo dizer que não há fórmulas mágicas. Mas cabe aos dirigentes associativos a capacidade de encontrar maneiras de chamar novas pessoas, com muita capacidade de intervenção e outra tanta dose de imaginação.

U - Como vê a AAUBI hoje?

N. C. - Quando me candidatei pela primeira vez, em Maio de 2004, sabia onde me vinha meter. Foi muita dor de cabeça, muita preocupação, mas conseguimos, de algum modo, eliminar parte do passivo. Até porque, nós temos muitas dívidas de longa data, pessoas que nos vêm aqui pedir contas, temos também a receber ainda alguns dividendos, enfim. Outra das coisas que foi feita e que hoje é visível prende-se com a questão da credibilidade da AAUBI, que diga-se, estava a zero. Vamos agora continuar todo um trabalho que tem sido feito. Estamos a reconstruir a “casa azul”.

U - De que forma imagina a AAUBI daqui a alguns anos?

N. C. - Se existir uma continuidade do trabalho que está a ser feito, se não houver nenhuma quebra neste processo rigoroso, se não houver desperdício, acredito que a AAUBI, em Dezembro de 2006, esteja com as dívidas a zero, no rumo certo. Não serei mais candidato a presidente da direcção, isso é uma condição que coloquei logo à partida, o que não invalida que continue numa equipa sólida que trabalhe para a associação.

perfil



Nuno Manuel Martins Costa é aluno do 4º ano de Economia na UBI. Este jovem de 24 anos, natural de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança, sempre mostrou um gosto especial pelas questões financeiras. Uma característica que marcou o seu primeiro mandato como presidente da Associação Académica da UBI.

Com muitas ideias e ações por cumprir resolveu voltar a candidatar-se. Num acto eleitoral marcado pela forte abstenção, Nuno Costa vence novamente a presidência da AAUBI. Desta vez promete cumprir o mandato ao fim, mas adianta também ao Urbi que não se irá recandidatar em Dezembro próximo.

Uma das suas maiores paixões reside no associativismo. Anda nestas coisas de “trabalhar para o bem comum” desde 1996. Na altura começou pelo secretariado do clube da sua terra natal, o “Sport Futsal Clube de Moncorvo”. Na UBI começou por pertencer à direcção do Núcleo de Estudantes de Economia e mais tarde veio a presidir a este mesmo grupo estudantil. Actualmente desempenha, pela segunda vez, o mandato de presidente da AAUBI. Mas no que diz respeito à “saúde” do associativismo, Costa refere que este atravessa uma grave crise, começando logo pelo sentido actual do conceito e dos actos associativos, ambos em crise. Para Nuno Costa, as pessoas estão cada vez mais desligadas das actividades e dos movimentos colectivos. Cabe, segundo o jovem, aos dirigentes e a todos quantos estão dentro das associações, tentar atrair um maior número de pessoas. A “AAUBI está também a tentar chamar mais pessoas a si”, diz com convicção.

A UBI surgiu como terceira opção, depois de um ano a frequentar Engenharia Informática no Instituto Politécnico da Guarda. Hoje, Nuno Costa mostra-se muito contente por ter mudado para a Covilhã. Como principais hobbies, no pouco tempo livre de que dispõe, destaca o cinema e o futebol, ambos, como espectador. No caso da bola, gosta de assistir a uma boa partida de futebol, na sétima arte, salienta filmes como “A Lista de Schindler”, “A Raiz do Medo” e o “Clube dos Poetas Mortos”. No campo das personalidades destaca Aníbal Cavaco Silva, primeiro por este ser um “bom economista”, depois por ter sido também um “político importante”. A nível internacional, sublinha as personalidades de Isaac Rabin e Yasser Arafat. No leitor de CD’s, Nuno Costa gosta de ter “Ornatos Violeta”.